
Comunicação para Dominação Econômica na Amazônia¹

Pedro Carlos Refkalefsky LOUREIRO²

Instituto Federal do Pará e Universidade Federal do Pará.

Otacílio AMARAL FILHO³

Universidade Federal do Pará.

RESUMO

A história do Brasil é marcada pela exploração colonial. Contudo, este mesmo país que é explorado por nações e organizações estrangeiras, transformou a Amazônia em uma colônia. Em outras palavras, reproduz pela lógica colonialista o processo de exploração, transformando a Amazônia em colônia da colônia. Busca-se, aqui, compreender qual o nível de entendimento da população de Barcarena, *locus* desta pesquisa, no que se refere à exploração pela qual a cidade passa, após a instalação dos grandes empreendimentos minerários iniciados na ditadura militar ocorrida entre 1964 e 1985. Optou-se pela metodologia da comunicação de base qualitativa e abordagem indutiva.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; Barcarena; colonialismo; neoextrativismo; Durand.

Introdução

O Estado brasileiro tem, historicamente, alternado sua visão sobre a Amazônia, oscilando entre considerá-la uma região abundante e frágil e tratá-la como uma área problemática em termos territoriais, humanos e ambientais, mas em outras ocasiões é vista como uma solução para problemas econômicos nacionais (LOUREIRO, 2022). Por esta lógica, ao longo do tempo, as populações da Amazônia são hostilizadas de maneira permanente, com ações predatórias próprias do desenvolvimento econômico de características coloniais. Contudo, de maneira efetiva, a região tem sido tratada como fornecedora de *commodities*⁴ para suprir as necessidades da nação, favorecendo a balança comercial brasileira. Esta dinâmica, conhecida pelo termo neoextrativismo, é caracterizada pela instalação de grandes empreendimentos, monocultura e uma lógica

¹ Trabalho submetido ao GP Teoria da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor no Instituto Federal do Pará e discente de doutorado no Programa de Comunicação, Cultura e Amazônia (UFPA). Email: pedro.loureiro@ifpa.edu.br

³ Professor no Programa de Comunicação, Cultura e Amazônia (UFPA). Email: otacilioamaralfilho@gmail.com

⁴ *Commodity* (plural: *commodities*): o conceito utilizado aqui é o da Economia, que considera como produto básico global, não industrializado ou semi-industrializado, geralmente de origem agrícola, pecuária ou mineral, mas também pode ser de origem financeira, ambiental ou energética, produzido em larga escala, na maioria das vezes sem marca definida. Matéria prima que tem seu preço uniformemente determinado em função da oferta e demanda internacional. No Brasil, *commodities* são prioritariamente destinadas ao mercado externo.

destrutiva de ocupação dos territórios (SVAMPA, 2013). Situação vivenciada pela cidade de Barcarena, *locus* desta pesquisa, desde o período da ditadura militar decorrente do golpe de Estado de 1964, que perdurou até 1985.

Dominação econômica ocorre por diversos meios, incluindo a linguagem utilizada, direta ou indiretamente, em comunicações das organizações capitalistas, justificando ou escondendo práticas de dominação econômica. Narrativas nos relatórios de gestão, peças publicitárias e outras comunicações de empresas que operam em Barcarena, desviam a atenção. Omissão de informações cruciais para a população local e a cooptação das elites locais são práticas comuns que protegem o grande capital, enquanto a maior parte da população permanece em condições socialmente degradantes.

Barcarena é um exemplo inequívoco de *deformem statum*, pois mesmo após a implantação de tantos projetos minerários que prometiam desenvolvimento local, não possui capacidade econômico-financeira para proporcionar vida digna para a maior parcela de sua população. Índices reforçam a precariedade nas condições de vida local. Somente 27,8% de suas residências possuem esgotamento sanitário adequado; apenas 16,2% dos domicílios urbanos em vias públicas possuem urbanização adequada⁵; O Índice de Desenvolvimento Humano - IDH municipal⁶ registra parcos 0,662. (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/barcarena/panorama>). Óbvio descompasso entre geração de riquezas e valor para empresas e a pobreza para a população.

A fragilidade local é facilmente sobreposta pela força do grande capital externo, que não mede esforços para sua preservação e crescimento, por meio da dominação econômica. Os governos brasileiros, na ânsia de utilizar a região como uma das bases de seu crescimento econômico e de fortalecimento da balança comercial, atropelou as populações locais, desarticulando sua economia, cultura e tradições. Os projetos de desenvolvimento para o local tratam seus habitantes como números, em benefício de organizações externas e elites locais, em detrimento da população originária.

A balança comercial brasileira é alimentada, em grande monta, pelas *commodities* extraídas em Barcarena, mas a população local vê sua cultura ser esfacelada e o meio ambiente degradado, sem benefícios compensadores, nem mesmo os prometidos desenvolvimentos econômico, ambiental e social. As desigualdades

⁵ Para o IBGE urbanização adequada se refere à presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio.

⁶ IDH compara países nos itens riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade etc. Avalia o bem-estar da população, variando em escala de 0 a 1, onde zero é o mais baixo e 1 é a melhor qualidade de vida. IDH até 0,499 é considerado baixo, entre 0,50 e 0,799 é considerado médio. Acima deste número é considerado alto.

distributivas do capital entre países e entre indivíduos, não somente configuram notória injustiça, como apresentam indiscutível ineficácia, pois restringem a capacidade dos mais pobres de investir (PIKETTY, 2015), fortalecendo mais ainda estas desigualdades. Nos casos em que a população local reage ao domínio externo, os governos brasileiros atuam como contrapeso em desfavor dos atores locais. Segundo Loureiro (2019), o Brasil independente, desde o Império até os dias atuais, é caracterizado por um Estado que costumeiramente esmaga movimentos populares em favor de classes dominantes.

O suposto desenvolvimento da região é, de fato, o enriquecimento de grupos que exploraram e exploram suas riquezas naturais, sem preocupação com desenvolvimento sustentável, nem mesmo com os povos que residem no espaço e que ao longo da história brasileira pós-chegada dos portugueses têm sofrido consequências negativas do que é chamado de desenvolvimento (AMARAL FILHO, 2016). Desenvolvimento de ficção, baseado em narrativas ficcionais, que escamoteiam a realidade, em dramaturgia barata que entrega pão e circo a uma população coadjuvante.

Metodologia

A decisão da pesquisa foi pela metodologia da comunicação de base qualitativa, com abordagem indutiva, contemplando narrativas, discursos e estudos de casos múltiplos. A pesquisa qualitativa auxilia na identificação e entendimento de como fenômenos de exploração econômica e ambiental interferem na vida da população local. Definidos pelas ações de informação e comunicação. A abordagem indutiva permite estudar fenômenos sociais complexos, observando fatos particulares para se chegar a conclusões gerais Yin (2015). A pesquisa de casos múltiplos foi a opção para comparar fenômenos semelhantes em diferentes contextos, permitindo uma análise detalhada e profunda de narrativas e discursos nos processos de associação e comunicação.

Fundamentação Teórica

Os Estudos Culturais buscam compreender as relações entre cultura, poder e sociedade. A Escola de Birmingham e teóricos como Stuart Hall foram pioneiros ao analisar como as audiências interpretam ativamente as mensagens midiáticas e como a hegemonia cultural é negociada e contestada. A cultura popular é vista como um espaço de resistência e contestação, onde as identidades são formadas e reformuladas. Na Amazônia, os estudos culturais incluem a análise das culturas indígenas e populares, práticas de resistência cultural e a relação entre práticas culturais e sustentabilidade

ambiental. A comunicação é vista como uma prática cultural que mediatiza a relação entre as comunidades e o mundo externo (MARTÍN-BARBERO, 2021).

Claudiane Carvalho (2016, 2021) destaca que a agenda jornalística é, em parte, determinada pelas assessorias de imprensa, borrando as fronteiras entre o jornalismo e a comunicação corporativa. Esta interseção cria um espaço propício para a construção de narrativas que atendem aos interesses dos dominadores. A comunicação, assim, se torna um instrumento essencial para a manutenção do poder, influenciando a percepção pública e moldando a realidade de acordo com os interesses das grandes corporações.

Consciência possível refere-se à ideia de que a percepção e a compreensão do mundo pelos indivíduos estão moldadas e limitadas pelas estruturas simbólicas e imaginárias de sua cultura (DURAND, 1997). A população de Barcarena parece viver um momento de consciência possível, afastada da consciência real. Devido às narrativas impostas pelo grande capital, suas percepções ainda não alcançam a realidade que está sob um manto narrativo, mas que, quando desnudada, será aparentemente irreversível.

Durand (1997) argumenta que estruturas influenciam profundamente como indivíduos interpretam experiências e interagem com a realidade. Consciência Possível é, portanto, a forma de consciência que é condicionada pelas narrativas culturais, mitos e símbolos que predominam em uma sociedade, moldando o horizonte de possibilidades e a maneira como os indivíduos entendem e respondem ao mundo ao redor.

O conceito está intimamente relacionado com a noção de imaginário, que para Durand (2008) representa o conjunto de imagens, mitos e símbolos que constituem a base da cultura de uma sociedade. Consciência Possível é uma forma de mediação entre o indivíduo e o seu ambiente cultural, permitindo que ele navegue entre as realidades concretas e as construções simbólicas que dão sentido à sua existência. Esse imaginário coletivo atua como um filtro que organiza a percepção e a ação dos indivíduos, delimitando o que é concebível ou inaceitável dentro de determinado contexto cultural.

Aplicando esse conceito a contextos específicos, como os conflitos socioambientais na Amazônia, pode-se observar como a consciência possível dos habitantes locais é moldada pelas narrativas dominantes sobre desenvolvimento e exploração econômica. Estudos de Martín-Barbero (2021) e Hall (1992) destacam como as mídias e as práticas culturais são instrumentalizadas para perpetuar certas ideologias e suprimir outras formas de saber e viver.

Em Barcarena, a consciência possível dos habitantes é continuamente influenciada por narrativas das grandes corporações e pelo discurso do Estado, promotores da ideia de desenvolvimento por meio da exploração de recursos naturais, muitas vezes em detrimento das tradições e do bem-estar comunal (LOUREIRO, 2022; CASTRO, 2019). Serve de lente para compreender como as estruturas simbólicas e narrativas moldam realidades sociais e políticas em contextos específicos.

Análise e/ou Principais Resultados e/ou Contribuições da Pesquisa

Os primeiros resultados desta pesquisa indicam que as estruturas de comunicação das organizações capitalistas, com a convivência das organizações públicas, funcionam para proteger o grande capital, em detrimento das populações locais. As narrativas das organizações desviam a atenção dos investidores e minimizam os impactos negativos, perpetuando a dominação econômica e cultural. Assim, mesmo indivíduos que mantêm preocupação com o meio ambiente e com as populações locais, investem suas economias nestas organizações, alimentando um ciclo que perpetua a exploração da sociedade por um pequeno grupo de capitalistas. Note-se que quando se fala de investidores, refere-se aos investidores individuais, pessoas que poupam para suas aposentarias e não como meio de criar fortuna. Em grande parte, fundos de aposentadoria de trabalhadores e de servidores públicos.

O maior prejuízo recai sobre populações locais que, mesmo sob perverso contexto de exploração e dismantelamento social, em grande parte não percebem que estão sob o jugo do grande capital. O pouco que recebem em troca neste processo colonial aparenta, para substancial quantitativo desta população, como uma retribuição justa e satisfatória. Mas não seria adequado considerar que indivíduos de classes com menor poder aquisitivo, e conseqüentemente menor grau de instrução e de acesso à informação confiável, percebem a realidade que os enreda, impossibilitando a consciência plena dos fatos. Por isso, busca-se suporte no conceito de consciência possível e consciência real.

O conceito de consciência possível emerge de discussões filosóficas e psicológicas sobre a natureza da percepção e do entendimento humano. A consciência possível refere-se ao conjunto de todas as experiências e entendimentos que um indivíduo poderia potencialmente alcançar. Este conceito é muitas vezes explorado dentro do campo da fenomenologia, que estuda como os indivíduos experienciam a realidade. A consciência possível inclui todas as capacidades latentes e percepções que

não foram atualizadas, mas que existem como potenciais dentro do repertório mental de uma pessoa. As investigações no campo da fenomenologia do filósofo Edmund Husserl (1970) sugerem que a consciência é sempre intencional, dirigindo-se a algo, e que há sempre uma esfera de possibilidades não realizadas que podem influenciar a forma como a realidade é percebida.

Já a consciência real diz respeito às experiências e entendimentos que são efetivamente vividos e reconhecidos pelo indivíduo em um dado momento. Esta noção é crucial para compreender como as pessoas interagem com o mundo ao seu redor de maneira concreta. A consciência real é moldada por vários fatores, incluindo a história pessoal, o ambiente cultural, e as interações sociais. Filósofos como Martin Heidegger (1962) e Jean-Paul Sartre (1943) também contribuíram para essa discussão, destacando que a existência humana é marcada pela realização contínua de possibilidades, onde a consciência representa as escolhas e ações concretizadas no fluxo da vida cotidiana. Além disso, Lucien Goldmann (1975) introduziu a ideia de que a consciência possível e a consciência real estão interligadas por meio das estruturas sociais e culturais, argumentando que a literatura e outras formas de expressão cultural refletem e moldam as possibilidades de consciência de uma época específica.

As primeiras hipóteses desta pesquisa são (H1) que populações locais não percebem que reservas de *commodities* são finitas, impedindo a perpetuação dos fluxos financeiros proporcionados por elas; (H2) que populações locais não percebem que quando encerrar a capacidade de extração de *commodities* a região não terá amealhado recursos financeiros, econômicos e sociais, suficientes para buscar uma verdadeira fonte de desenvolvimento sustentável; (H3) que populações locais não compreendem que o baixo retorno econômico proporcionado à Barcarena não é contrapartida justa e razoável de compensar malefícios decorrentes da exploração mineral.

Conclusão

A comunicação é utilizada como instrumento de dominação e consolidação do neoextrativismo, obscurecendo os impactos reais sobre a população local. É essencial aumentar a conscientização sobre essas práticas para promover a justiça social e ambiental. A sociedade constrói sua história com base nas circunstâncias herdadas de um passado construído pelos que a antecederam, limitando sua capacidade de criar pelas condições daquilo que foi criado pelas gerações precedentes (MARX, 2023). Contudo, a

comunicação pode ser utilizada para criar uma realidade não real. As consequências do passado podem afetar a capacidade presente de criar.

Narrativas referentes à geração e distribuição de renda, bem como da melhoria da qualidade de vida, assim como sustentabilidade, não condizem com fatos ocultados, ou distorcidos propositalmente pelas grandes corporações minerárias que atuam na região. Omitem ou distorcem situações como o naufrágio do navio Haidar, que custou a vida de cinco mil bois e a estagnação da economia local; a construção de dutos clandestinos pela Norsk Hydro, despejando rejeitos tóxicos em nascente de Igarapé.

Frente ao exposto, há de se buscar um complemento em George Orwell (2024), que nos diz que quem controla o passado controla o futuro, quem controla o presente controla o passado. Assim, as consequências do que está posto são reais, mas as responsabilidades são atribuídas conforme interesses de quem tem papel dominante, por meio de uma comunicação manipuladora e colonialista.

Referências

AMARAL FILHO, Otacílio. Marca Amazônia: o marketing da floresta. Curitiba, Brasil: Editora CRV, 2016.

CARVALHO, Claudiane Oliveira. Quem determina a agenda jornalística? Seleção e construção da notícia na relação entre assessoria de imprensa e jornalismo. Revista Dispositiva, n.1, v.5, p. 19-38. Belo Horizonte, Brasil: Dispositiva, 2016.

CARVALHO, Claudiane Oliveira. Comunicação e Semiótica: zonas de convergência e desafios nos estudos de Eliseo Verón sobre a construção social do sentido. Galáxia, V.1, p. 115-128, mai-ago. São Paulo, Brasil, 2021.

CASTRO, Edna Maria Ramos de. Estratégias de Expansão Territorial da Mineração na Amazônia, Desastres Socioambientais e Zonas de Sacrifício. in Dossiê Desastres e Crimes Ambientais da Mineração em Barcarena, Mariana e Brumadinho; análise crítica e políticas e práticas empresariais da mineração, desregulação ambiental e violação de direitos nos municípios de Barcarena (Pará), Mariana (Minas Gerais), Brumadinho (Minas Gerais) e São Luís (Maranhão). Org. Edna Maria Ramos de Castro e Eunápio do Carmo Belém, Brasil: 2019.

DURAND, Gilbert. Estruturas Antropológicas do Imaginário. São Paulo, Brasil: Martins Fontes, 1997.

DURAND, Gilbert. Ciência do Homem e Tradição, o novo espírito antropológico. São Paulo, Brasil: TRIOM, 2008.

GOLDMANN, Lucien. *Towards a Sociology of the Novel*. Londres, Inglaterra: Tavistock Publications, 1975.

HALL, Stuart. *Cultural Studies and Its Theoretical Legacies*. In L. Grossberg, C. Nelson, & P. Treichler, *Cultural Studies*. Nova Iorque, Estados Unidos: Routledge, 1992.

HEIDEGGER, Martin. *Being and Time*. Nova Iorque, Estados Unidos: Harper & Row, 1962.

HUSSERL, Edmund. *Logical Investigations*. Londres, Inglaterra: Routledge, 1970.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. *Estado, bandidos e Heróis: Utopia e Luta na Amazônia*. 4ª edição – revista e atualizada. Belém, Brasil: Editora Cultural Brasil, 2019.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. *Amazônia: Colônia do Brasil*. Manaus, Brasil: Editora Valer, 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*, 8 edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2021.

MARX, Karl. *O dezoito Brumário de Luís Bonaparte*. Trad. Leandro Konder e Renato Guimarães. Rio de Janeiro, Brasil: Paz e Terra, 2023.

ORWELL, George. 1984: *Political Dystopian*. Versão Kindle. Londres, Inglaterra: Orwell World, 2024.

PIKETTY, Thomas. *A Economia da Desigualdade*. Trad. André Telles, versão Kindle. Rio de Janeiro, Brasil: Intrínseca, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. *Being and Nothingness*. Nova Iorque, Estados Unidos: Washington Square Press, 1943.

SVAMPA, Maristella. *Consenso de los Commodities y Languages de Validación em América Latina*. *Revista Nueva Sociedad*, n. 244, mar-abr 2013.

YIN, Robert Kuo Zuir. *Estudo de Caso: planejamento e métodos* - 5ª edição, versão Kindle. Trad. Cristhian Matheus Herrera. Porto Alegre, Brasil: Bookman Editora, 2015.